

Na
reís F
acrescin
Ann
vez 20
repetic

O BRADO LIBERAL

ADMINISTRAÇÃO:
Na typographia d'esta fo-
lha, rua Nova de Sousa,
n.º 43.
Direcção jornalística, rua
das Aguas, n.º 84.

SEMANARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,
HABILITADO NA FÓRMA DA LEI.
PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

S. BRAGA - C-108

NUMERO 2.

SEXTA FEIRA 12 DE JUNHO DE 1874.

ANNO 1.

O BRADO LIBERAL.

Nos arraiaes do retrocesso não ha um só momento de descanso entre os defensores do passado.

A reacção, chacal velho e raivoso, esconde-se por detraz dos parapetos venerandos da religião que desfigura, e não atira á face do liberalismo senão com blasphemias, e maldições — com as injurias que aprendêra das sybillas augustas do passado.

Se d'entre nós, liberaes, se levanta alguém, com animo frio e socegado, invectivando abusos ascerosos, parcialidades mesquinhas, scenas sangrentas e hediondas, acalentadas por ministros deshonoradores do Christo; se d'entre nós se ergue um espirito sério, impavido e severo, para stygmatisar o papa Alexandre VI, que sorria á face do volúbia nos braços da...

Se a intranquillidade dos ferrabradores cathólicos causam compaixão á classe respeitável, nos obrigam a empunhar o azorraque de Jesus contra os vendilhões do templo; ella, a reacção, o Polyphemo d'este seculo de luz, amor e vida; ella, arrogando-se uns ares de cólera suprema, diz-nos altaneira e superciliosa: immoralidade! descrença! devassidão! impiedade!

Sim: nós somos immoraes, porque desejamos vêr outra vez florentes os primeiros seculos da Igreja — seculos de tolerancia, seculos de pureza, seculos d'abnegação, como seculos de

fe, seculos d'esperança, seculos de caridade!

Sim: nós somos descrentes, porque não somos êrmos de rasão na aquilatação das questões da epocha; porque regeitamos uns milagres de Lourdes e Salette, e desvendamos umas caridades chinezas, e umas medalhas de virtude; porque stygmatisamos em fim as cartas escriptas por Christo, e deixadas cahir do ceo em Roma em 29 de Junho de 1867, na occasião da festividade magna de S. Pedro!

Somos devassos, porque não louvamos as missões a deshoras da noite, de que só resultam infanticídios e exposições de creanças; porque não saudamos o Ancião Pio IX em seus anniversarios entre aromas de Xerez e perfumes de fricassés, entoando no meio da embriaguez hurras frenéticas a D. Carlos e D. Miguel, entremeiados de vivas bachanaes a Henrique VI!

Somos impios, porque não mandamos saccos de dinheiro para os ministros irrequietos do Vaticano — mansão maravilhosa do bello e do arto, onde Sua Santidade vive prisioneiro-livre entre fulgores deslumbrantes de mil candelabros d'oiro!

E ha dos reaccionarios quem chamem ao Vaticano: «Carcere e Calvario de Pio IX!»

Se o Venerando Pontifice tivesse noticia d'estas calumnias de seus ministros hypócritas; d'ha muito que a sua indignação pontificia teria pulverizado os seus pessimos defensores — desacreditadores officiosos do Christianismo!

Que horrendo Calvario aquelle do

Vaticano!... Que detestavel ergástulo pontificio!...

Dize-nos tu, ó viajante consciencioso, tu que tantas vezes beijaste com respeito as venerandas reliquias do Imperio Romano; dize-nos tu, que ajoelhaste no recinto melancholico do Colyseu; se é ou não horrendo o Calvario da victima veneranda d'Antonelli — cardeal homónimo d'outro, que n'outr'ora falsificára o Missal Romano, mutilando a Oração da Cadeira de S. Pedro!

Dize-nos, ó viajante consciencioso, se por ventura viste n'esse augusto Calvario a tristeza, a solidão, a melancholia, com a acidez ascetica do Gólgotha, onde expirára entre soluços de muito amor, muita fé, muita unção, em espirito sublime de paz e redempção, esse espirito inoculador da liberdade, da egualdade, e da fraternidade entre o povo — o Christo de Nazareth!

Conta-nos o que viste, ó viajante consciencioso! — Descreve-nos o carcere horrivel do Vaticano!...

Marmores preciosos; esplendidos arabastros; estuques de Perino e Danieles; pinturas de Vasari, de Zucchari, de Marco di Sienne; quadros d'excommunições, de conquistas, d'ovações, de victorias, d'absoluções; candelabros d'oiro e crystal; joias preciosas; e... emfim... luxo, riqueza, ostentação, orgulho, despotismo, mundanices..... não é verdade?

Viste, por ventura, em alguns d'aquelles porticos dourados a suavissima e modesta legenda do Christo: «O meu reino não é d'este mundo?»

Pois é este o Carcere e o Calva-

rio de Pio IX — o Ancião Infallivel do seculo XIX!

E' este o ergástulo tremendissimo, donde o Pontifice póde sair quando bem lhe aprouver, para aspirar os aromas, os perfumes, as fragancias dos arredores da cidade eterna dos septe montes.

Isto que dizemos, e nos irrompe espontaneamente dos bicos da penna, não é desatencção, não é injuria, não é desamor, pelo chefe augusto da religião que veneramos, e em que fomos embalados ao nascer. — E' o desejo vivo, ardente, puro, que no intimo do seio alentamos, por vêr-mos renascer d'entre as cinzas do presente a phenix bella, grandiosa e humilde dos primeiros seculos — a Igreja christan purissima, resplendente, deslumbrante, immaculada como a stringe sacro-sancta do Christo.

A REACÇÃO.

A reacção liberticida, sobe da entre nós em 1834 pelos restauradores catholicos; e ultimamente no paiz nas associações catholicas, filhas predilectas da fallecida sancta alliança dos monarchas absolutos.

Para comprovar os fins liberticidas d'estas associações hypocritas, toleradas embora dos poderes publicos no exercicio livre da prostituição religiosa; exhibiremos apenas um documento valiosissimo, escripto por um ex-socio da associação catholica portuense, mãe estremecida da associação catholica bracarense.

E' a Carta que continuamos a trans-

FOLHETIM.

A CAMA.

Versão do texto hispanhol do poeta Garrido, impresso no periodico madrilenó «El Popular», n.º 4227, do anno de 1830.

* Dormir e espriguçar é dom celeste, e Prezado até do ser, o mais agreste.

Tu formas minhas delicias,
Minha cama idolatrada!
— N'este mundo não ha nada,
Que me inspire tanto amor!
— Que são a teu lado inventos
Das artes e da sciencia?
— Que são acaso em consciencia,
Ou a imprensa ou o vapor?...

Que vale Newton ao lado
Do grande inventor da cama?
— Quem merece mais da fama
A gloria mais immortal?
— Quem eguala o auctor sublime
Do leito delicioso.
Que dá descanso gostoso
Ao desditado mortal?...

Com loucura criminosa
Ergue o homem monumentos
Aos heroes sangui-sedentos,
Que nos dão inquietação!
— Ao heroe que inventa a cama,
Que é refugio do doente,
Olvida-se injustamente
Com atroz ingratição!...

Na cama se estende um homem
Sobre balofos colchões,
E desdenha das facções
A louca tenacidade!
— Cerra-lhe o somno seus olhos,
E n'um dormir prasenteiro
Gosa o quadro verdadeiro
D'extrema felicidade!

Se por acaso importuno
Vem algum sonho horroroso
Alterar-lhe o doce goso
E fazel-o despertar;
— Sorri-se ao depois tranquillo,
Volta o corpo ao outro lado,
E diz todo socegado:
— Não é nada, foi sonhar!...

No cabo d'uma jornada,
Que é incommoda e penosa,
Que meiga e deliciosa
A cama não vem a ser!
— Nossos membros fatigados,
Mal se estão a espriguçar,
Parece que vão n'ummar
Immergir-se de prazer!...

Em milhares de doenças,
Que delicias traz a cama!
— Como o corpo então a clama
Com gostosa anciedade!
— Se não n'ella inteiro allivio,
Descanço ao menos gosamos;
E mil vezes mitigamos
Do mal a intensidade!...

Após penosas vigalias,
Depois de longos quebrantos,
De mil gosos, mil encantos,
Na cama dá-se um edên!
— Quando o homem fatigado
Se estende em leito feliz,
O sabio inventor bem diz
De tam soberano bem!...

Em a noite do hymeneu....
— Mas caluda, ó penna ousada,
Que é materia delicada,
Que nos cantos se não diz!
— Quero lidos os meus versos
Sem receio em toda a parte!
— Sancto Deus! — O ceo me aparte
D'algum desfecho infeliz!...

N'algumas das estações,
Quanto é duro o levantar-nos!
— Quanto horrivel é privar-nos
Do dulcissimo calor,
Que no corpo espriguçoso
Suavissimo circumda?
— Que somno então nos inunda
Com seu magico torpor!...

Se talvez ha n'este mundo
Cousa que ao ceo se pareça,
E que no mundo offereça
Da gloria a comparação;
— E' sem duvida uma cama
Com vastos colchões leveis,
Com mantas e travesseiros,
Em devida proporção!...

Meus carinhos são a cama:
Tudo n'ella está cyfrado!
— O vêr-me n'ella deitado
E' minha felicidade!
— Nem me importa que me taxem
De poltrão e pigriçoso,
Se repouso venturoso
N'ella a minha humanidade!

Pela cama deixo tudo:
Nem me importam distracções!
— Só busco fôfos colchões,
Onde ronque a meu sabor!
— As minhas delicias todas
São a cama idolatrada!
— Nem o mundo em si tem nada
Que me inspire tanto amor!!!

Braga, 1874.

P.-C.

crever, espalhada profusamente no Porto em 15 de Maio, findo, dia anniversario da entrega da villa d'Ourem ás tropas liberaes em 1834, e d'um grande eclipse do sol no mesmo anno, como signal celeste do eclipse politico do miguelismo em Portugal:

~Continuação do n.º 1.~

7.º Porque vivendo toda a familia portugueza, antes do estabelecimento da associação catholica, em perfeita paz e harmonia, (pois que todos tinham e continuam a ter communhão geral no banquete da nação); depois que ella principiou a funcionar, começaram tambem a apparecer os manejos politicos para a restauração do governo do despotismo, e os miguelistas de patas e orelhas levantadas, insolentes e atrevidos, a conspirar desafortadamente á sombra das associações catholicas onde estão filiados, sendo secundados pela imprensa religiosa-miguelina-ultramontana, em que muito se tem distinguido a *Palavra*, órgão official d'essa associação: resultando d'este desavergonhamento ter sido queimado em Braga pelos semi-tonsurados um jornal liberal, por verberar de látego em punho os hypocritas reaccionarios-miguelinos-ultramontanos; e terem os liberaes sido barbaramente acutilados e prêzados no largo da Sé d'esta cidade, por victoriarem a liberdade, quando os reaccionarios acabavam de solemnizar um *Te-Deum* em honra e louvor do Homem, que, dizendo-se vigario de Christo na terra, está envidando todas as suas forças e prestigio, e fornecendo dinheiro ás hostes dos bandidos de D. Carlos, para que o despotismo triumphe, e os povos sejam de novo escravizados.

8.º Porque sendo o fanatismo e a opposição religiosa, o peccado de todos os males que pôde acommeter a nação; e andando os jesuitas e missionarios empenhados em desenvolver cada vez mais este flagello em Portugal; é convicção minha que as associações catholicas vieram augmentar mais este mal, que a todo o bom cidadão cumpre combater por todos os modos e formas.

9.º Porque é fóra de toda a duvida que os jesuitas, auxiliares e satélites inseparaveis dos miguelistas, acobertados com as associações catholicas e outros nomes religiosos, para melhor poderem illudir a vigilancia do governo e das auctoridades, e enganar o povo menos illustrado, tractam de fanatisar este para o terem ás suas ordens, e leval-o em occasião propicia a revoltar-se contra o systema liberal, assim como succedeu em Hispanha, onde os padres reaccionarios se constituíram guerrilheiros e chefes de salteadores, ao grito de viva Carlos VII.

10.º Porque recorrendo á historia de Portugal vejo que foi em nome da religião christan que n'este reino se estabeleceu o abominavel tribunal da inquisição, onde em nome de Deus todo paz, liberdade, caridade e humildade, se queimaram, atormentaram, e fizeram soffrer toda a sorte de flagícios a milhares de portuguezes, filhos d'aquelle bondoso e misericordioso Deus, que ainda depois de pregado na cruz pediu a seu divino Pai o perdão para os seus algozes! Que foi tambem em nome da religião em Lisboa, no anno de 1506, os frades de S. Domingos, de crueldades em punho, desvairaram o povo della cidade em honra e gloria de Deus, e fizeram assassinar e massacrar mais de tres mil pessoas, e lançar o fogo a grande numero de propriedades! Que foi ainda em nome da religião que os infernaes jesuitas, de combinação com Philippe II,

rei da Hispanha, fanatisaram a el-rei D. Sebastião, a ponto de fazerem com que este temerario e fanatico rei fosse sacrificar nos campos d'*Alcácer-Quivir*, não só a sua pessoa e a flôr da nobreza de Portugal, como tambem a independencia da nação: para depois aquelle monarcha hispanhol se apoderar d'este reino, como se apoderou, fazendo soffrer aos portuguezes o longo captivo de 60 annos! Que foi ainda mais em nome da religião que o papa Urbano VIII, para maior gloria de Deus e brilho da sancta sé, não quiz reconhecer como legitimo rei de Portugal ao sr. D. João IV, e nem a independencia d'estes reinos; porque a prata do rei da Hispanha era mais catholica para o papa, do que o rei e a liberdade dos portuguezes! Que foi mais em nome da religião, que os infernaes jesuitas armaram os braços do duque d'Aveiro, dos marquezes de Távora, do conde d'Atouguia e outros, para assassinar a el-rei o sr. D. José I!

(Continúa)

BENEFICIOS DO LIBERALISMO.

Os reaccionarios açulam-se de cada vez mais contra o liberalismo no intuito de tornal-o odioso aos povos, occultando-lhes de proposito os beneficios sociaes que elle inoculára na sociedade moderna.

O *Brado Liberal* ha de lembral-os com insistencia e persistencia, para desillusão dos povos illudidos, a quem os reaccionarios desfiguram o liberalismo, para os podêrem dominar á vontade.

Vamos hoje lembrar ao povo alguns d'estes beneficios palpaveis, de que o nosso paiz está no gozo, graças á anniquilação do regimen miguelista

1.º — A segurança pessoal dos cidadãos — segurança que os exime de serem prêzados sem culpa formada: o que no regimen do absolutismo era feito a capricho do governo, e a talante dos seus ministros.

2.º — A liberdade da palavra, sem offensa da tranquillidade publica: o que no regimen do absolutismo não era permitido, e era até castigado com sobrançeria do governo, e abuso infrêne dos seus ministros.

3.º — A liberdade da imprensa, sem offensa da tranquillidade publica — liberdade que é o manancial fecundo das prosperidades nacionaes, levadas a toda a parte do paiz nas correntes electricas da instrucção, ao mesmo passo que é o desfôgo dos cidadãos opprimidos, e o punhal que traspassa de continuo os tyrannetes da governança: o que no regimen do absolutismo não era permitido, e era até castigado com oppressão do governo, e malvadez caprichosa dos seus ministros.

4.º — A liberdade d'associação, sem offensa da tranquillidade publica: o que no regimen do absolutismo não era permitido, e era até castigado com severidade do governo, e rigor abusivo dos seus ministros.

5.º — A faculdade de qualquer cidadão aspirar aos cargos publicos e aos emprêgos nacionaes, seja qual fór a classe do seu nascimento, uma vez que possua os meritos pessoases, que são inherentes aos mesmos cargos e emprêgos: o que no regimen do absolutismo não era permitido, e era até concedido somente a algumas classes privilegiadas.—Do que era consequencia forçosa, o serem excluidos dos cargos e emprêgos do paiz os que não eram fidalgos, ou não eram favorecidos de bens da fortuna, e da protecção dos mesmos, magnates de sangue azul, para quem eram nada em geral os lavradores e os artistas.

6.º — Não pôde o governo impor tributos ao povo por seu motu proprio, nem dispendir a seu arbitrio os rendimentos da nação: o que no regimen do absolutismo era feito a capricho do rei, e a talante dos seus ministros.—Do que eram consequencia forçosa os decretos cegos d'então — avisos com que o rei ou seus aulicos ordenavam ao thesoureiro-mór do real erario, que thesourgasse ao pertudor tantos contos de reis, de que não teria que dar contas!

A estes 6 beneficios palpaveis do liberalismo accrescem ainda outros não menos palpaveis, de que não ha d'olvidar-se opportunamente o *Brado Liberal*.

MOLESTIA DO GADO.

Tendo recrudescido n'alguns concelhos d'este districto a febre aphtosa, transcrevemos hoje as «instrucções» que ha tempos publicaram alguns jornaes do districto.

Chamamos a attenção dos nossos lavradores para estas «instrucções», lembrando-lhes que a demora que tenham no tractamento dos seus gados, pôde custar-lhes a morte d'elles: o que será hoje, pelo preço a que as rezes bovinas chegaram, a ruina da sua fortuna.

Pede-nos o sr. intendente de pecuaria do districto, para publicar-mos que pôdem dirigir-se a sua casa, no largo de S. Lazaro n'esta cidade n.º 12, as pessoas que tenham algumas duvidas na applicação dos tractamentos indicados:

Instrucções sobre os meios preventivos e curativos, e medidas sanitarias, que se devem empregar no tractamento da febre aphtosa, que começa a grassar nos gados do districto de Braga.

Meios preventivos ou hygienicos.—Limpeza e arejamento dos estábulos, curraes e possilgas: não consentir estes humidos e encharcados por agoas e urinas, do escoante a estas: camas muito molles, e frequentemente renovadas: limpeza dos terreiros, pateos ou quinteiros onde se demoram os animaes, e não obrigar os gados a trabalhos peniveis. Limpeza frequente dos pezinhos e lavar estes, de dias a dias, com agoa e vinagre (3 partes d'agoa para uma de vinagre). Não deixar demorar, nem pastar os animaes nos terrenos humidos e pantanosos, ou alagadiços, nem por dias chuvosos, nem pelas horas de maior frio, como de manhan cedo e perto da noite. Administrar aos gados uma alimentação de boa qualidade e macia, polvilhando as comidas com sal ordinario moído, ou dissolvendo-o em agoa e borriçando com esta as rações, e dar-lhes bebidas aciduladas com vinagre, sumo de limão, acido sulfurico diluido, etc.

Meios curativos ou therapeuticos.—Sendo diversos os periodos ou phases da febre aphtosa, devem os meios curativos accommodar-se a cada periodo da doença.

No 1.º periodo (invasão), durante o qual ha nos animaes perda do appetite, da ruminação, da secreção do leite, tristeza, calafrios, tremuras, bocca quente, claudicação, etc., etc., consistirá o tractamento em lavar a bocca e os pezinhos dos animaes com agoa levemente acidulada com vinagre ou sumo de limão, e banhar os úberes ou mamas com o cosimento de malvas e vapores do mesmo: dissolver na bebida ordinaria que deve ser agoa tépida branqueada com farinha ou sementes, um pouco de sal commum, e melhor, 90 grammas de sulfato de soda, e 4 grammas de nitro para as grandes rezes bovinas: 20 grammas de sulfato de soda e 6 decigrammas de nitro para os porcos, e 10 grammas do primeiro sal e 3 decigrammas do segundo para os carneiros e ovelhas: e todas estas substancias misturadas e divididas em 3 papeis eguaes, para administrar em 3 bebidas. Nem n'este nem nos outros periodos da doença se devem sangrar os animaes. A dieta deve constar de uma pequena quantidade de forragens, como herva de boa qualidade, bom feno, havendo-o, e camisas (vulgarmente folhelho) de milho, e de raizes, cosidas, como nabos e batatas, temperadas com sal.

Neste, como em todos os periodos da doença, se deve sempre observar os preceitos indicados.

No 2.º periodo (erupção), manifesta pelo apparecimento de vesiculas (aphtas) isoladas, ou vesiculas (aphtas) isoladas, e fontes e alastradas, na bocca, lingua, ventas, focinho, mamas e pezinhos, o tractamento deve consistir para as aphtas da bocca e lingua em gargarejos ou collutorios preparados com o cosimento de malva e gramma, a que se ajunta algum mel, e acidulados com vinagre bom, dado em injeções com uma seringa ou borracha, ou em lavagem: para as aphtas dos beijos e ventas empregar-se-ha o decocto de malvas acidulado com agoa de Rabel, 180 grammas, por exemplo, de decocto para 10 grammas de agoa de Rabel: as aphtas ou bolhas dos úberes tratar-se-hão com loções e vapores preparados com o cosimento de malvas e cabeças de papoulas, com as cataplasmas de sementes ou de farinha de linhaça, ou com fomentações da pomada de belladona, de populeão ou de loureiro: as cataplasmas devem ser mantidas contra os úberes por uma banhage em forma de funda, que vá atar por cima do lombo, e que serve para suster as mamas ainda que não se empreguem as cataplasmas. Todos os dias se devem mungir suavemente os úberes, inutilizando o leite colhido.—As aphtas dos pezinhos serão tratadas, havendo muito calor, dor e manqueira com as fomentações e cataplasmas indicadas para as letas, e não havendo estes symptomas bastarão ou banhos ou loções com o cosimento de casca de carvalho, a que se junte alcool camphorado.

A dieta deve ser a mesma aconselhada para o 1.º periodo da doença: a na bebida ordinaria bastará dissolver só 20 grammas de sulfato de soda para as rezes bovinas, 5 grammas para os porcos, e 3 ditas para os carneiros.

No 3.º periodo (supuração), que succede pelo rompimento das vesiculas, ficando os pezones e mamas em carne viva, e a febre cessando, cuidar na dieta, que consistirá em papiengas de milho, arroz, farinha, batatas ou nabos cozidos, e a administração de agoas de limão, e para bebida ordinaria a aconselhada para o 2.º periodo.

O tractamento curativo deve começar pelo rompimento de todas as aphtas de maior extensão (alastradas), que se observarem á falta de instrumentos cirurgicos, com um canivete ou thesoura bem afilados: e depois se pensarão as feridas da bocca com infusão de 30 grammas de salva em 360 ditas d'agoa, a que se juntará acido chlorhydrico diluido (uma parte d'acido para duas d'agoa), 13 grammas e igual porção de alcool camphorado, dado por injeção ou em lavagem; ou tratar-se-hão com o decocto de cevada e gramma, em que se dissolvam 30 grammas de alumen, ou 20 de borax, sulfato de zinco, ou outro qualquer sal adstringente, curando-se as mais rebeldes com mel rosado — 120 grammas, alumen em pó 20 ditas, e agoa de Rabel 12 gottas tudo junto.—As chugas dos úberes tratar-se-hão com esta ultima receita, ou com os outros medicamentos indicados para as ulceras da bocca, devendo continuar a fazer-se o tractamento aconselhado no 2.º periodo da molestia. As ulceras dos pezinhos, não apresentando mau caracter, applique-se o mesmo tratamento da bocca e beijos: e, se apresentarem mau aspecto lavem-se com o decocto de salva e marcella, e pensem-se com ceroto de chumbo camphorado, ou com mel rosado — 120 grammas, sulfato de cobre em pó — 10 grammas, e camphora — 3 grammas, ou lavem-se tambem com as soluções de sulfato de cobre, e pensem-se com o unguento egypsiaco, molhando ou untando pãnos ou estopas com estes preparados, para os metter entre as divisões dos pezinhos e sobre os talões.

No 4.º periodo (cicatrisação), deve auxiliar-se a secca das feridas externas com pós desecativos, sendo de bom resultado a seguinte fórmula — alumen, sulfato de zinco e casca de carvalho em pó — aa 15 grammas, carvão vegetal — 3 ditas e camphora — 2 ditas, ou uma pomada feita com estes mesmos pós a que se junta alcatrão: mas como quasi sempre as feridas se apresentam em bom estado de cicatrisação, bastará applicar-lhes somente a mera ou alcatrão. Algumas vezes porem as feridas dos pezinhos, que são sempre as de cura mais demorada, mostram-se renitentes; e n'este

caso devem ser cauterizadas com o licor de Villate.

E' n'este periodo que se deve ir augmentando successivamente a ração dos animaes até ficarem com a habitual. Não deve deixar-se de dar grão aos animaes convalescentes, primeiramente amollecido em agua morna e depois secco, para lhes restituir as forças perdidas durante a molestia, e para a convalescência ser mais prompta.

Medidas de policia sanitaria. — Os animaes sãos devem ser separados dos doentes: não deve dar-se aos sãos os sobejos ou reçoas da comida dos doentes, nem administrar-lhes as bebidas nas mesmas cethas, gamelas ou alguidares em que são dadas aos aphtosos: os tractadores não devem, depois de abocarem algum animal doente, ou de o curarem, chegar a comida aos sãos sem lavarem as mãos: não devem matar-se para consumo as rezes aphtosas, nem fazer-se uso do leite d'estas.

Braga, 17 de Fevereiro de 1874.

O Pecuário do Districto,
Lopes Gonçalves.

LIVRARIA EDITORA.

A Livraria Internacional Bracarense, estabelecida n'esta cidade no largo de S. Francisco, e dirigida pelo sr. Eugenio Chardron, vice-consul aqui da republica franceza; tem no prelo algumas obras de que é editora, e se occupa em dar á luz com esmero typographico e equidade de preços.

Nas obras editadas atégora, tem dado provas d'animar escriptores de todas as parcialidades politicas do paiz da patria adoptiva com imparcialidade louvavel.

Nesta gride n'esta iniciativa o sr. Eugenio Chardron com a mesma pertinacia da Livraria Internacional de Geneve, dirigida por seu mano o sr. Ernesto Chardron — livraria editora muito conhecida entre nos.

Bastaria citar como prova d'edições importantes, que o nosso paiz lhe deve ultimamente, a *Encyclopedia do povo e das escholas*, de que nos consta estar no prelo o fasciculo ultimo, para não fallar d' *Historia de Portugal desde os tempos remotos até á actualidade*, modelada segundo o plano do escriptor francez Fernando Diniz, amador consciencioso das glorias portuguezas.

Esta ultima obra está completa e exposta á venda: e não o estaria de certo, a não ser a dedicacão do sr. Ernesto Chardron em metter hombros a esta empreza com os seus capitães — capitães promptos sempre a auxiliar os escriptores de fortuna madrásta, como os do sr. Eugenio Chardron n'esta cidade de Braga.

FASTOS HISTORICOS MODERNOS.

Mez de Junho.

Dia 7. — Benção da primeira pedra da igreja do recolhimento de Nossa Senhora da Penha de França no campo de Sanct'Anna em Braga, em 1720 n'este dia, effectuando a cerimonia com todo o apparatus, e numero concurso de povo, o prelado primaz D. Rodrigo de Moura e Telles, oriundo da casa de Val de Reis: — arcebispo de solicitude extremo na conclusão rapida da mesma igreja, onde celebrara a primeira missa com toda a solemnidade, depois de a benzer, em 8 de Dezembro de 1721.

— Ereccão do recolhimento de Nossa Senhora da Penha de França no campo de Sanct'Anna em Braga, em 1727 n'este dia, em convento de religiosas capuchas descalças da Conceição: e lançamento então do habito de noviças a 12 recolhidas, pelo prelado primaz que o erigira D. Rodrigo de Moura e Telles, em presença da primeira Madre Abbadessa Joana Maria da Assumpção, abbadessa que tinha sido no convento do Salvador da Ordem de S. Bento na mesma cidade no campo de D. Luiz I — o antigo campo da Vinha.

Dia 9. — Martyrio de Diogo Martins da Costa, natural da nossa praça de Mazagão na Africa, hoje alheada do reino, levado a effeito em 1723 n'este dia em Mequinez no mesmo continente, por não querer abjurar o christianismo em que nascera.

— Desbaratamento do Marata Govindá Paná nos nossos estados da India n'este dia em 1742, e tomada de Sanguem em Goa, immortalizando-se os nossos guerreiros com o general Manuel Soares Velho que os capitaneava.

— Chegada do Rio a Londres em 1831, n'este dia, do rei soldado D. Pedro IV, o Godofredo da liberdade no nosso seculo, em nome do progresso e homenagem á civilização: — penhores ambos carissimos aos constitucionaes portuguezes, com quem o usurpador D. Miguel I atulhava os carcereiros do paiz, e alastrava os nossos areas da Africa, nos remansos de não juncar com os seus cadaveres os estrados dos patibulos.

— Incendio desastroso da igreja do convento da Ordem Tereira de S. Francisco de Lisboa, produzido n'este dia em 1707 por um foguete, que de noite cahira no lecto da mesma igreja então em concerto.

Dia 9. — Incendio intenso n'este dia no arsenal de Goa nos nossos Estados da India em 1733, ficando reduzidas a cinzas 16 manchuas de guerra, 1 galia, 1 chalupa, e 2 sibaris, embarcações encahadas então na Ribeira das Naus.

— Assalto n'este dia ao forte de S. Christovão de Badajoz na Hispanha em 1811, sendo o 2.º do assedio d'então á cidade.

— Acto final do congresso diplomatico de Vienna d'Austria em 1815 n'este dia, formando-se então o systema politico europeu d'essa epocha.

Dia 10. — Recrudescimento d'um vulcão horrivel n'este dia em 1720 na ilha do Pico, vulcão rebentado a primeira vez em 1719.

— Explosão da machina infernal contra a vila de Napoleão Buonaparte n'este dia em 1804.

— Desembarque do rei-soldado D. Pedro IV em 1831 n'este dia, em Cherburgo na França, a fim de preparar a expulsão de seu irmão D. Miguel I do throno portuguez usurpado á rainha sua filha D. Maria II: — sombra da violação do juramento de fidelidade a elle e a ella, e á Carta Constitucional da monarchia, juramento prestado por elle em 26 de Fevereiro de 1828 perante as côrtes reunidas então no paço da Ajuda com a côrte e o corpo diplomatico, em presença da infanta regente D. Isabel Maria em nome do mesmo D. Pedro IV.

Dia 11. — Submissão ao nosso general Manuel Soares Velho pela primeira vez, em 1742 n'este dia, da fortaleza de Pondá, e da de Supem em Goa, nos nossos Estados da India, perdendo-as o Bousulô Anagy Porobo.

Dia 12. — Levantamento do assedio de Badajoz na Hispanha em 1811 n'este dia.

— Revolta de Praga na Bohemia em 1848 n'este dia, assassinando os republicanos a angusta consorte do principe Windischgratz, que suspende então o fogo da cidadella, para que não se attribua a vingança particular.

EXTERIOR.

Na Hispanha, está prestes a dar-se uma accção importante entre as tropas republicanas e as hordas carlistas: e antolha-se pugna sangrenta, se os bandidos de D. Carlos não retirarem outra vez por estrategia diante dos soldados do general Concha, como fizeram ultimamente das suas fortificações invenciveis d'Abanto e Portugaleta.

As deserções dos carlistas para os republicanos, principalmente depois das ultimas derrotas de D. Affonso, augmentam d'um dia para outro.

O grosso do exercito faccioso está entricheirado em Monte-Jurra, Alco, Dicas, Alto de Castillo, Tillo, e Puente-Reina. — D. Carlos está em Tolosa com o seu estado-maior.

O grosso do exercito republicano está em Logroño á direita de Tafalla.

O ministro da guerra vai mandar da reserva 10:000 homens para a Catalunha; outros 10:000 para o nor-

te; e outros 10:000 para o centro: ficam em deposito 20:000.

Da diversão que o pretendente infeliz tentára no Aragão, não tiraram resultado os seus chefes: nem os seus agentes o tiraram tambem das instancias que fizeram em Paris e Londres, no intuito de conseguirem um empréstimo para a guerra.

A'cerca das medidas financeiras do governo são contradictorios os boatos. — Os ministro dos estrangeiros conferenciou com o nosso representante.

— Na França, ficou sem effeito o projecto de fusão dos dois centros do parlamento. — A discussão da lei eleitoral continúa ainda.

— Na Allemanha e na Suissa continuam os reaccionarios os seus esforços infructuosos na desobediencia ao govêrno.

— Noticias de Nova-York annunciam a partida de Rochefort para a Europa.

EXPEDIENTE.

Agradecemos cordialmente a benevolencia dos nossos collegas jornalistas, assim nos encomios com que nos acolheram, como na troca de folhas com que nos mimosearam.

Enviámos-lhes com reconhecimento um apêto de mão affectuoso.

Aos nossos illustres assignantes, assim da cidade como de fóra, pedimos desculpa de qualquer irregularidade de distribuição.

Procuraremos remedial-a, á medida que nos fôr communicada.

Ao «artigo» B, que recebemos de Lisboa, falta-lhe a tira 3. — Do Porto, recebemos o «artigo» a. — De Coimbra, recebemos os «artigos» Aa e Ab.

De Monção, recebemos as confidencias A e B, que muito nos agradecemos.

NÓTICIARIO.

Hoje 12, pelas 11 horas da manha, haverá missa solemne na igreja das Ursulinas d'esta cidade: é consagrada ao Coração Agonizante de Jesus. — De tarde, pelas 3 horas, terá lugar o sermão da festividade, que findará com a ladainha e a benção do Sacramento. — Fazem a festa os devotos da archi-irmandade, ramificação catholica do Divino Coração de Jesus, que em 1673 recebem em França os primeiros cultos publicos. — Motivou estes cultos uma *aparição de Christo* em 1674 a sóror Margarida Maria Alacoque, religiosa da Visitação em Charolais, a quem o Ungido Infallivel Pio IX beatificára em 18 de Setembro de 1864.

A *devoção catholica* do Coração Agonizante de Jesus estabeleceu-se em Braga em 1871, em 29 de Junho, na igreja do convento das religiosas dos Remedios: e foi d'alli trasladada em 1872 para a igreja do Collegio Ursulino, antigo convento da extincta Ordem dos Jesuitas. — O reverendo director dos devotos achou mais propria a collocação da *archi-irmandade* no edificio memoravel dos *Loyolas*.

Nos dias 13 e 14 do corrente, festejar-se-ha aqui com grande pompa o Thaumaturgo Portuguez Sancto Antonio, oriundo de Lisboa. — Haverá na vespera illuminacão, e fogo. — O sermão da festividade, no dia 14 á tarde, será pregado pelo rm.º Alves Matheus, ornamento distinctissimo do pulpito nacional. — Esta festividade terá lugar na igreja dos Terceiros.

No dia 28 do corrente, festejar-se-ha pomposamente a Virgem das Dores no Bom Jesus do Monte nas proximidades d'esta cidade. — Na vespera 27 haverá fogo á noite, percorrendo sempre o local duas bandas de musica. — Nos dias 28 e 29 haverá confessoes no templo. — Os devotos catholicos, anctores d'esta festividade que no sanctuario tem sido celebrada ha annos, deliberaram ampliar a *pomposamente* este anno, em

protecção e auxilio das necessidades presentes da Egreja e da sociedade.

A devoção das Dôres de Maria radicou-se em Portugal em 1708, fomentando-a a rainha D. Maria Anna d'Austria, augusta consorte d'el-rei D. João V. — A primeira entrada d'esta devoção no reino foi em 1373, vestindo o habito das Dôres el-rei D. Fernando I; mas não foram duradouros os progressos que teve. — Em 1735 estabeleceu-se em Lisboa, na igreja dos Eremitas de S. Paulo, a primeira irmandade portugueza das Dôres da Virgem. — Aqui em Braga erigiu-se a irmandade das Dôres na igreja dos Oratorianos, no campo de Sanct'Anna, em 18 de Junho de 1761: e nenhuma floreceu tanto como ella em toda a peninsula. — Da diocese bracarense irradiou logo por todas as mais do reino este *incendio catholico*.

Nos dias 28 e 29 do corrente, festejar-se-ha Sancta Felicidade na capella de S. João da Ponte d'esta cidade, contigua ao rio Este que a banha, o antigo Aliste dos escriptores romanos. — Haverá illuminacão, musica e fogo, com o arraial do costume.

Os devotos festejadores da Sancta imploram das damas bracarenses as prendas que se dignarem offerecer-lhes, a fim d'abrilhantarem com o seu producto em leilão o culto da mesma Sancta. — Estas prendas que sollicitam, deverão ser enviadas ao sr. Francisco Alves Pinheiro, com loja de chapellaria no largo do Barão de S. Martinho.

Acha-se no prelo uma obra poetica do sr. Cunha Vianna, filho distincto d'esta cidade, com o titulo modesto de *Relampagos, canticos da mocidade*.

E' precedida d'um prefacio critico do nosso bardo humorista o sr. João Penha, filho distincto igualmente d'esta cidade, e hoje entregue aqui á vida laboriosa do fóro — exercicio em que se honra como seu irmão o sr. dr. Manuel Joaquim Penha Fortuna, não menos illustrado como advogado bracarense, do que o é como professor da aula complementa da lingua portugueza no lyceu d'esta capital do Minho.

Foi espancado ultimamente um accendedor dos candieiros da illuminacão publica d'esta cidade, ficando no corpo e no rosto com os sinais manifestos da aggressão. — O agredido é um dos soldados antigos das campanhas da liberdade, acabrunhado d'annos e soffrimentos. — O aggressor é um hispanhol dúbio, dos que não estacionam escassos n'este valhacouto de reaccionarios nacionaes e estrangeiros. — O pretexto da aggressão foi uma cadellinha do aggressor — que se acha entregue ao poder judicial.

O regimento d'infanteria 8 andon em exercicio em frente do quartel na quarta feira á tarde.

São publicas n'esta cidade algumas queixas graves contra o uso e abuso do jôgo. — Despertando com isto as attentões da auctoridade respectiva; ser-nos-ha gostoso não termos de repisar este assumpto.

ANNUNCIOS.

Editos de 30 dias.

Pelo juizo de direito d'esta cidade e comarca de Braga, cartorio do escriptivo Simão d'Araujo Esmeriz, correm editos de 30 dias, a contar de 26 do preterito mez de Maio, chamando todas as pessoas incertas que se julgarem com algum direito, accção ou hypotheca sobre as propriedades arrematadas nos autos de execução hypothecaria promovida por José Antonio da Cunha Moreira d'esta cidade, contra Quiteria Joanna da Silva, e filha Maria Emilia da Silva, da freguesia de Teboza d'esta comarca, o venham allegar e deduzir dentro do prazo de 6 dias, que lhes hão de ser assignados na segunda audiencia posterior áquelles trinta dias dos editos, que vem a ser no dia 2 do futuro mez de Julho pelas 9 horas da manha, no tribunal judicial, sob pena

de revelia e lançamento, e de se julgarem as preditas propriedades livres e expurgadas a favor dos arrematantes, que são os seguintes:

José Pereira Pinto, Joaquim José Nogueira, José Gomes Guimarães, Francisco José Pinto, Domingos José Pinto, Antonio de Sá, e Antonio Nogueira Pinto, todos da freguezia de Teboza d'esta comarca. O primeiro arrematou—a leira ou bouça seiva chamada de S. Simão, a bouça Nova, o Outeirinho ou Outeiro, o campo da Lama ou cortelho do mesmo nome: o segundo arrematou—o campo da Moimenta e o cortelho da Moimenta de cima; o terceiro arrematou—o campo ou cortelho do Casal; o quarto arrematou—a bouça das Fontainhas; o quinto arrematou—a casa, o cortelho de tras da casa, e o cortelho de Baixo; o sexto arrematou—o campo ou cortelho de Esqueiros; e o septimo arrematou—o campo da Comba e tojal da Moimenta de cima da Estrada.

Todas as referidas propriedades são situadas na dicta freguezia de Teboza, menos as arrematadas pelo segundo nomeado, que são na freguezia de Priscos. (8)

Editos de 60 dias.

Pelo juizo de direito d'esta cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão João Marcos d'Araujo Ribeiro, correm editos de sessenta dias, que findam no dia 4 do proximo mez de Julho, a citar João Martins da Silva, Pedro Martins da Silva, Antonio Martins da Silva Leite e João Martins da Silva Leite, todos auzentes em parte incerta, para que, na segunda audiência d'este juizo posterior ao dicto prazo, que vem a ser no dia 9 do proximo mez de Julho, no tribunal judicial, vejam offerecer os competentes artigos de habilitação como herdeiros e representantes de sua finada mãe D. Anna Joaquina Martins da Silva, viuva, moradora que foi na rua da Cruz de Pedra d'esta cidade, e assignar-se-lhes o prazo legal para os contestarem querendo, sob pena de revelia e lançamento e de se proseguir nos ultteriores termos da habilitação, a qual é promovida por D. Antonio de Queiroz Vasconcellos Souza Coimbra e Lencastre, solteiro de maior idade, residente na casa do Pinheiro, freguezia de Sancta Martha de Penaguião, nos autos civis de libello de reconhecimento de dominio directo que o mesmo promovia por este juizo e dicto cartorio contra a dicta finada D. Anna Joaquina Martins da Silva, e filho Francisco Martins da Silva Araujo, solteiro de maior idade, tambem morador na rua da Cruz de Pedra d'esta cidade. (9)

Arrematação.

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão Esmeriz, e á porta do tribunal da justiça, aonde se fazem as arrematações, se tem de arrematar no dia 14 do corrente mez ás nove horas da manhã o campo da Agrela, situado no logar do Barreiro, da freguezia de Teboza, avaliado em réis 916\$000.

Penhorado a Quiteria Joanna da Silva, viuva, e sua filha, da dita freguezia, na execução hypothecaria que lhes move José Antonio da Cunha Moreira, d'esta cidade.

O Procurador

Antonio Pinto da Cunha Barboza.

(6)

Arrematação.

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão José Luiz d'Oliveira Pessa, se tem de arrematar no dia 21 do corrente por 9 horas da manhã á porta do tribunal judiciario no largo do Paço onde se costumam fazer as arrematações, os bens seguintes:

O campo da Cortinha, avaliado em 164\$000 réis. O campo da Porta de Romaninho avaliado em 258\$000 rs. Cinco leiras que todas formam um só predio circuntado sobre si avaliadas em 130\$000 réis. O pradinho circuntado sobre si avaliado em 50\$000 réis. Ametade do olival avaliado em 84\$000 réis. O olival do Carvalho das Abelhas avaliado em 98\$000 réis. A bouça pequena da Escalheira, avaliada em 550\$000 réis. Todas sitas na freguezia de Villela, julgado de Amares. Tudo penhorado a José Gonçalves Pimenta, e mulher da freguezia de Villela, do dito julgado de Amares, na execução que lhes move o Exm.º Visconde de Margaride Governador Civil d'este districto, na qualidade de administrador dos sanctuarios, legados e residuos d'este arcebispado.

O Solicitador

Manoel Joaquim Antunes. (7)

Declaração.

O abaixo assignado, caixeiro de negocio n'esta cidade, declara, para todos os legaes effectos, que desde o 1.º de Fevereiro d'este anno substituiu o seu ultimo nome de Magalhães por Menezes, por assim lhe convir. Faz esta declaração por que assignou diversos documentos com o sobredito nome de Magalhães, promptificando-se a responder por qualquer documento até aquella data assignado com o nome de — Joaquim da Silva Magalhães, mas não d'ahi em diante porque as não reconhecerá em vista da indicada substituição.

Braga, 7 de Junho de 1874.

Joaquim da Silva Menezes. (10)

FIGURAS DE CERA.

Está em exposição na rua do Souto n'esta cidade, desde as 10 horas da manhã ás 11 da noite, uma curiosa colleção d'estas figuras, modelladas por Augusto Maria Coelho Pinto, estudante da Academia das Bellas-Artes, e executadas por seu pae José Maria Coelho Pinto.

São as seguintes, a que vão ser acrescentadas outras, e entre ellas o Padre Cura de Sancta Cruz da Hispanha:

1. Batalha de Reichshoffen, em que os zuavos turcos tomam uma peça aos prussianos: (12 figuras). — 2. Insurgentes parisienses — partidarios da Communa: (4 figuras). — 3. Petroleiros da Communa: (3 figuras). — 4. Feridos francezes e prussianos, irmãos da caridade, e empregados das ambulancias prussianas, no campo da batalha de Granelstte: (10 figuras). — 5. Leon Gambetta. — 6. O ex-presidente da republica franceza Mr. Thiers. — 7. Marechal Saldanha. — 8. Marquez de Sá da Bandeira. — 9. El-rei D. Pedro V. — 10. Conde de Chambord. — 11. Napoleão III. — 12. General prussiano Moltke. — 13. Bismark. — 14. Principe Frederico Carlos da Prussia. — 15. Principe real da Prussia. — 16. Imperador Guilherme da Allemanha. — 17. Solano Lopes, dictador do Paraguay. — 18. Hospital de sangue na guerra franco-prussiana: (6 figuras). — 19. Uma venus.

Entrada 100 réis.

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

EUGENIO CHARDRON.

N'esta livraria no largo de S. Francisco acham-se á venda entre muitas obras antigas e modernas, assim de sciencias como de litteratura, as seguintes adquiridas n'estes ultimos dias

Simão J. da L. Soriano — Historia do cerco do Porto em 1832 a 1834, com um discurso preliminar minucioso: edição unica e rara de Lisboa em 1847, 2 vol. em 8.º gr., com o Mappa Topographico das Linhas liberaes e realistas: preço 9\$000 rs.

Ignacio R. Vedouro — Desafio dos d'ose d'Inglaterra, que na corte de Londres se combateram com gloria de Portugal em desaggravo das damas inglezas ultrajadas dos seus: Lisboa, 1732, 4.º, opusculo historico raro: preço 200 réis.

Padre José L. da Costa — Desempenho festivo ou triumphal apparato com que os bracarenses tiraram a publico pelas ruas da cidade com danças e folias o Eucharistico Manná na festividade do Sacramento em 1729: Lisboa, 1729 e 1730, 2 opusculos em 4.º, ambos raros, e especialmente a 2.ª parte com os sermões d'então: preço 600 réis.

Padre Luiz D. Vieira — Breve extracto noticioso da festividade do Sacramento em Braga em 1731, com as danças e bailados d'então: Coimbra, 1731, 4.º, opusculo raro d'usanças religiosas bracarenses: preço 240 réis.

Dr. Manuel T. de Magalhães — Prologetica noticia do Eucharistico triumpho bracarense na festividade do Sacramento em 1733: Coimbra, 1733, 4.º, opusculo raro d'usanças religiosas na cidade: preço 240 rs.

Anónimo — A Fenix das tempestades renascida em 15 d'Outubro de 1732, com um discurso sobre a origem dos ventos pelos demonios expulsos do ceo: Lisboa, 1732, 4.º, opusculo curioso como documento das crencas e abusões dos nossos maiores: preço 200 réis.

Salvador J. de Barros — Desengano d'allucinados: caso horroroso do peregrino do inferno, homem demonio ou demonio homem, de quem succedera na Italia a morte desastrada: Lisboa, 1733, 4.º, opusculo ascetico pouco vulgar, com uma portada xylographica: preço 120 réis.

André P. Carregueiro e Marcos V. Pau — Escudo apologetico em contraposição aos golpes do Discurso Critico dos dois censores de X dato foemineis, narração d'uma monstruosidade dada então á luz em parto extranatural: Lisboa, 1733, 4.º: preço 80 réis.

Manoel da F. Borralho — Luzes da poesia descobertas no oriente d'Apollo, arte poetica rara com singularidades curiosas, e de que só apparecerá um exemplar nos 20 conventos de que se organisára a livraria publica bracarense: Lisboa, 1724, 4.º: preço 800 réis.

Antonio Castanha — Mondegueida, poema estrambotico sobre a chea extraordinaria do Mondego em 1788: Coimbra, 1788, 8.º, opusculo não vulgar: preço 240 réis.

Pedro L. Correa — Centinella (sic) contra os judeus, obra anti-rabbinica não vulgar: Lisboa, 1684, 8.º: preço 500 réis.

Francisco P. da Silva — Caminho dos Terceiros seraphicos para a patria celestial, chronica da Ordem 3.ª franciscana, pouco vulgar: Lisboa, 1736, 8.º, exemplar com portada em gravura, e bem conservado: preço 600 réis.

Fr. Luiz de S. Francisco — Livro em que se contém tudo o que toca á origem, regra, estatutos, ceremonias, privilegios, e progresso da Ordem Terceira da Penitencia: Lisboa, 1684, 8.º, exemplar raro com algumas poucas traçadellas no meio: preço 600 réis.

Fr. Apollinario da Conceição — Seculos da Religião seraphica illustrada pelos irmãos leigos em Portugal e no Brasil, chronica monastica pouco vulgar: Lisboa, 1736, 8.º: preço 800 réis.

Sá de Miranda — Obras poeticas: Lisboa, 1687, 16.º, edição muito rara, apenas indicada na fé de Barbosa Machado no Dicionario Bibliographico d'Innocencio da Silva, e bom exemplar: preço 2:250 réis.

Antonio das N. Pereira — Ensaio sobre a philologia portugueza por meio do exame e comparação da locução e estilo dos nossos insignes poetas do seculo XVI—memoria premiada na academia real das sciencias de Lisboa em 1792, e publicada no Tom. V. das suas Memorias de Litteratura, 4.º: preço 240 rs.

Clemente Libertino — Historia de los movimientos y separacion de Cataluña en España: San Vicente (Lisboa), 1645, 4.º, obra original de D. Francisco Manuel de Mello, a quem os proprios hispanhoes reputam como um dos melhores elos de sua lingua, embora portuguez d'origem, edição de muita raridade, duas vezes reimpressa ainda no seculo XVI: preço 1\$200 réis.

Padre Ignacio G. de Cui — Guimaraes combatido, ass:) da r. e triumpho da v. ind. nome a. issões em octava rhythm. apant. lo as 2.ªs de Guimaraes dirigidos por Padre Gataiyud, opusculo raro: Coimbra, 1744, 4.º: preço 500 rs.

Ceremonias da Semana Sancta na Sé de Braga com assistencia do prelado — Manuscripto liturgico do rito bracarense, escripto pelo finado mestre de ceremonias da cathedral primaz: preço 200 rs.

Ceremonias da missa na Sé de Braga com assistencia do prelado — Manuscripto liturgico do rito bracarense, escripto pelo finado mestre de ceremonias da cathedral primaz: preço 100 réis.

Anónimo — O novo principe, ou o espirito dos governos monarchicos no regimen do absolutismo: 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1841, 8.º gr., obra do Dr. Gama, medico de D. Miguel: preço 500 rs.

Anónimo — Consulta do supremo conselho de Castella contra a Tentativa Theologica do Padre Antonio Pereira, traducção portugueza: Coimbra, 1832, 8.º gr., obra pouco vulgar: preço 500 rs.

José D. Mascarenhas N. — Methodo para construir as estradas em Portugal: Porto, 1790, 4.º, opusculo pouco vulgar, com duas estampas: preço 360 rs.

Anónimo — Chronica certa e muito verdadeira de Maria da Fonte, escrevida (sic) por seu Tio Manoel da Fonte, sapateiro no Pézo da Regua: Lisboa, 1846, 8.º gr., opusculo muito raro do Visconde de Castilho: preço 600 rs.

Padre Antonio Pereira F. — Origem do titulo e da dignidade dos condes, sua historia e prerogativas: Lisboa, 1780, 4.º: preço 240 rs.

Anónimo — A Inglaterra e D. Miguel, traducção do francez: Paris, 1828, 8.º gr., opusculo sobre a questão portugueza da epocha: preço 160 rs.

João N. Freire — Os Campos Elyseos, romance pastoril em prosa e verso em d'ose jardim, á similhaça da Lusitania Transformada de Fernão Alvares e da Primavera de Rodrigues Lobo: Porto, 1626, 4.º, obra d'extrema raridade, e exemplar primoroso muito pouco aparado: preço 6\$000 rs. (5)